

## A ARTE DE SER: OFICINAS TERAPÊUTICAS NO CAPS SOB A LUZ DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Emanoela Carvalho Salles<sup>1</sup>

Chancarlyne Vivian<sup>2</sup>

### Resumo

O estudo apresenta a experiência do estágio supervisionado em Psicologia, realizado no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) entre março e junho de 2025, fundamentado na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), proposta por Carl Rogers. A prática esteve ancorada em oficinas terapêuticas que integraram princípios da arteterapia, possibilitando a expressão dos processos psicológicos, o fortalecimento da autonomia e a reconstrução subjetiva dos integrantes do grupo. O percurso formativo foi marcado pela vivência de intervenções humanizadas, éticas e transformadoras, em que a arte se fez linguagem e o vínculo, ferramenta essencial.

### Introdução

O estágio curricular em Psicologia teve como foco a atuação no CAPS, espaço de cuidado territorializado e comunitário, que se opõe ao modelo manicomial. Orientada pela Abordagem Centrada na Pessoa, a prática clínica desenvolvida pela estagiária priorizou a escuta empática, o respeito ao tempo subjetivo e a promoção de vínculos autênticos. As oficinas terapêuticas foram escolhidas como dispositivo de intervenção grupal por favorecerem o acesso à expressão emocional por meio de linguagens não

verbais, como a arte, a música, o corpo e a poesia. Inspiradas também em Nise da Silveira, as atividades revelaram a potência criativa como caminho de reintegração do self.

#### Desenvolvimento

As oficinas foram desenvolvidas com base em pilares da ACP — empatia, congruência e aceitação incondicional positiva — e incluíram recursos como o Caderno Terapêutico, rodas de conversa, colagem, pintura, jogos emocionais, danças circulares e outros. As atividades emergiram de escutas sensíveis e foram planejadas respeitando o ritmo e as necessidades dos participantes. Temas como abandono, solidão, autocuidado e pertencimento foram frequentemente trazidos, especialmente por idosos em situação de vulnerabilidade, revelando aspectos da psicologia comunitária. O ambiente das oficinas foi compreendido como espaço seguro, livre de julgamentos, onde o diagnóstico não é identidade, mas sim ponto de partida para a compreensão da dor. O uso da arte não visou o resultado estético, mas a possibilidade de reorganizar internamente, encontrar palavras que antes havia silêncio. Carl Rogers (1977) afirmava que a mudança genuína só é possível quando o sujeito se sente verdadeiramente aceito como é — e esse foi o solo ético de cada encontro. A experiência no CAPS também evidenciou a importância do trabalho em equipe multiprofissional, que são os encaminhamentos para oficinas, grupos e escutas individuais ocorrem de maneira integrada e corresponsável. O cuidado se construiu em rede, a partir de encontros reais, em que a subjetividade não foi apagada pelos protocolos, mas acolhida na sua inteireza.

#### Considerações Finais

O estágio revelou que a clínica ampliada acontece quando há presença, escuta e respeito à singularidade. As oficinas terapêuticas foram territórios férteis de resistência ao isolamento, ao estigma e à dor não nomeada. Mais do que espaços de intervenção, foram espaços de vida — de expressão, de relação, de esperança. Compreendi que ser facilitadora é sustentar um

campo relacional que confia no outro, mesmo quando ele mesmo já não acredita em si. A prática também se mostrou como um ato político: ao criar espaços onde vozes antes silenciadas puderam emergir, contribuiu para a desconstrução de paradigmas biomédicos e autoritários ainda presentes na saúde mental. Como afirma Paulo Amarante (2007), cuidar é também libertar — e as oficinas, nesse contexto, foram instrumentos de liberdade subjetiva e social. A trajetória vivida reafirma a importância da formação humanista, que valoriza o encontro autêntico como campo de transformação. A psicologia, ali, aconteceu nas entrelinhas, nos gestos, nos silêncios, na arte e na escuta. Como sintetiza Carl Rogers: “O curioso paradoxo é que, quando me aceito como sou, então posso mudar.” Foi através da aceitação do ser singular e subjetivo que norteamos a trajetória das oficinas terapêuticas.

#### Referências

AMARANTE, Paulo. Saúde mental e atenção psicossocial. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) no âmbito do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 9 abr. 2001.

ROGERS, Carl. Tornar-se pessoa: um terapeuta descobre seu modo de ser. Tradução de José Carlos Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 1977. SILVEIRA, Nise da. Imagens do inconsciente. 5. ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

E-mails: manucsalles@gmail.com  
chancarlyne.vivian@unoesc.edu.br